

RESENHA

MEMÓRIA E IDENTIDADE, Joel Candau. São Paulo: Contexto, 2011, 219p.

Danycelle Pereira da Silva
Mestranda PPGAS/UFRN
danycelle@gmail.com

O livro *Memória e Identidade* publicado no Brasil em 2011 de autoria de Joel Candau, antropólogo francês, apresenta discussões direcionadas para o campo da antropologia social, centrando interesse nas diversas formas de memória e no seu compartilhamento. O livro conta com várias referências a Halbwachs, teórico importante no campo da memória coletiva e inúmeros outros pensadores que trabalharam com a questão da memória e da identidade. A singularidade desta obra, que ao final, o autor intitula como um ensaio é a provocação de pensar de maneira atual a memória e a identidade, fornecendo subsídios para pensar os novos paradigmas que envolvem estes temas.

Com uma escrita em que oscila entre o simples e o rebuscado, o autor nos convida não a um passeio turístico pelas ruas da memória e lugares identitários, ele nos propõe um passeio profundo ao estilo de Certau, nos mostrando outra maneira de ver o que já era familiar, relendo a memória e identidade sobre outros matizes.

Ao longo da obra, o autor mostra como transitamos entre as formas individuais e coletivas no que tange a identidade e a memória, apresentando um jogo social da memória e da identidade onde muitos elementos estão imersos. O livro está dividido em seis capítulos que tratam de vários temas que servem de base para a reflexão entorno da memória e da identidade. No primeiro capítulo, “Memória e identidade: Do indivíduo às retóricas holistas”, Joel Candau propõe uma classificação das memórias. Traz inicialmente à conceituação do termo memória e a divisão feita pelo próprio autor em três tipos de memória: a memória protomemorial, a memória de alto nível e a metamemória.

A protomemória consiste na memória repetida, na memória-hábito, aquela que é incorporada naturalmente através das vivências, dos saberes e das experiências individuais. O autor faz um paralelo com a ideia de *habitus* de Bourdieu (CANDAU, 2011, p. 22). A memória que corresponde ao que o indivíduo absorveu e carrega consigo (o aprendizado primário, as disposições corporais que são apreendidas pelos indivíduos de maneira espontânea), segundo o autor, deve ser a mais explorada pelos antropólogos. A memória de alto nível, aquela memória de

recordação, de reconhecimento, pode sofrer inferências externas e incorporar pontos artificiais. A metamemória é a representação que cada indivíduo faz de suas próprias lembranças, é a memória que molda as dimensões de pertencimento ao passado.

A partir da definição destes tipos de manifestações da memória, dos quais faz uso durante todo o livro, o autor vai conceituar identidade, alertando que ela está intimamente ligada a memória e tratar a partir destes conceitos, o que ele chama de retóricas holistas¹ e a pertinência destas.

O autor aplica o pensamento holista para pensar as representações sobre a memória e a identidade, a partir do exemplo do compartilhamento da memória. De fato, há maneiras diversas de compartilhar a memória: nos grupos pequenos, geralmente, a memória é repassada a partir do que alguém viu, presenciou e posteriormente compartilhou; nos grupos maiores, o compartilhamento é fruto das representações da memória e é baseado na oralidade.

Já no segundo capítulo, “Da mnemogênese à Memogênese” há uma discussão entorno da memória individual e da perda da memória pelos seus detentores. As consequências da perda da memória refletem na identidade. O autor, partindo do pressuposto que a memória confere continuidade ao indivíduo e que o passado (ou parte dele) compõe a identidade de cada ser, apresenta uma discussão sobre o processo de amnésia. O jogo social nas quais todos os indivíduos, seres sociais fomos inseridos, também deixa claro o poder organizador e desorganizador da memória. A memória é plástica, modelável. Esquecemos ou lembramos de acordo com escolhas íntimas ou coletivas.

No terceiro capítulo, intitulado “Pensar, classificar: Memória e ordenação do mundo” encontramos a importância do lembrar e do esquecer que figuram no mesmo patamar, as duas são necessárias para manter o jogo social. Essa capacidade de modelar e de elaborar a memória dá ao indivíduo a possibilidade de pensar e ordenar seu passado. Pensar o passado e o presente e recontá-lo tendo como base a construção da memória. O tempo é o elemento chave deste capítulo e ajuda a pensar como a memória recolocada em cada momento de uma trajetória pode frutificar diferentes tipos de identidades. Que tempo é esse que nos convida a pensar o passado

¹ O autor define assim retóricas holistas: “Entendo por retóricas holistas o emprego de termos, expressões, figuras que visam designar conjuntos supostamente estáveis, duráveis e homogêneos, conjuntos que são conceituados como outra coisa que a simples soma das partes e tidos como agregadores de elementos considerados, por natureza ou convenção, como isomorfos” (CANDAU, 2011, p. 29)

de maneira diferente? Como o tempo era pensado nas outras sociedades e como a sociedade contemporânea percebe o tempo?

A sociedade do descartável e da instantaneidade banaliza também o tempo. O autor afirma que nossa sociedade é “*cronófoga*”, pois não sabe mais como habitar o tempo, como perder tempo. A relação do tempo, da memória e da identidade é forte e pode nortear a origem do indivíduo. Os marcos temporais deixam aparecer os mitos de origem, nos quais fundam-se as identidades.

E como transmitir os acontecimentos? Os mitos de origem? No quarto capítulo, “O jogo social da memória e da identidade: transmitir, receber”, Joel Candau discute as diversas maneiras de transmitir a memória. Aborda também a não transmissão de memórias indizíveis assim como o contexto na qual o indivíduo influi na transmissão da memória. Candau chama atenção para as versões que orientam o texto escrito, pois da mesma maneira que a sociedade molda o indivíduo, este último definirá o que será transmitido oralmente e na forma escrita.

Ainda no quarto capítulo, Candau discute sobre a tradição e suas reinvenções. A tradição que é repassada através da memória e que é reproduzida através dos elementos e lugares de memória, pode também sofrer modificações e reinvenções. Candau vai chamar de ruptura das tradições, a opção por esquecer. Mesmo saindo do âmbito das tradições, a opção por esquecer ou lembrar-se de determinado acontecimento, faz parte do jogo social das identidades onde muitas vezes as escolhas de lembrar e principalmente de esquecer, geram perdas de elementos identitários que compõem o imaginário social.

O quinto capítulo, “O jogo social da memória e da identidade: fundar, construir”, aborda a construção de novas identidades. O autor começa a refletir sobre a memória e a identidade a partir da memória genealógica e familiar. A genealogia funciona neste sentido não só como meio de transmissão de práticas, valores, memórias, mas como busca da identidade. O desejo de conhecer sua genealogia corresponde a uma busca pessoal. Nas sociedades tradicionais camponesas os guardiões da memória passavam oralmente as genealogias, entretanto, nas sociedades contemporâneas, tentamos eternizar a linhagem através dos diversos suportes tecnológicos que surgem para as novas gerações.

Manipular a memória não só possibilita o surgimento de novas identidades, mas possibilita apagar eventos traumáticos. Muitos indivíduos têm amnésias sobre determinados acontecimentos que marcaram suas identidades. O caso dos campos de concentração exemplifica a opção que muitos judeus fizeram pela amnésia. O esquecimento nesta ocasião é

uma maneira de lidar com a memória do que é indizível e a abstração desse sofrimento é uma das causas do enfraquecimento das identidades.

E por fim, o sexto capítulo, “Esgotamento e colapso das grandes memórias organizadoras”, reúne todos os elementos e reflexões já propostas acerca da memória e da identidade. Segundo Candau, a sociedade moderna está cada vez mais individualizada e essa individualização, faz parte do cenário que o autor vem propondo desde o início do livro, da sociedade em que sente necessidade não só de transmitir, repassar, mas de petrificar o passado, já que a recorrências das perdas nesta sociedade do descartável é constante.

Passado. Eis o elemento que assusta a modernidade, pois a geração do instantâneo tem medo de esquecer, e por isso mumifica. Neste livro são apresentadas diversas reflexões sobre as perspectivas antropológicas da memória e da identidade. A proposta do livro é justamente encarar a memória como viva, como um elemento capaz de ressurgir em diversas fases da história de uma linhagem, sendo vivificada pelo momento presente.

Poderiam ter figurado em maior grau do que foi abordada, a questão do patrimônio seja ele material ou imaterial já que é um tema que está permeando com tamanha força as discussões atuais. Incluso neste leque do patrimônio os novos modelos de museus, até mesmo os virtuais que estão surgindo velozmente. O livro apresenta-se como uma compilação importante para aqueles que desejam iniciar-se no campo da memória e da identidade, mencionando as ideias de vários autores clássicos que trataram destes assuntos. O leque de ferramentas apresentadas por Candau perpassa muitos temas como tradição, histórias de vida, etnicidade, territorialidade, o uso dos saberes. Se pensarmos a memória como instrumento para a antropologia, ela é elemento base, já que por mais que o antropólogo esteja buscando outros elementos, estudando o corpo, a economia ou qualquer outra categoria, seus interlocutores só poderão falar de si, através de suas memórias. É dela que frutificam os discursos, as ideias, e as reinvenções.

A leitura deste livro oferece um panorama completo sobre a memória e a identidade, ambos os elementos indissociáveis e obrigatórios para todos aqueles que querem experimentar-se não só no estudo da memória social, mas para todo profissional que quer aventurar-se na etnografia e na história do pensamento antropológico.

Palavras-chave: Memória, Identidade, Antropologia Social.